



**PODE ENTRAR / EM TUDO QUE FAZ,
ADÉLIA BORGES PENSA EM AMPLIAR
O PÚBLICO. ABRIR AS PORTAS DE UM
MUSEU BRASILEIRO ESPECIALIZADO EM
DESIGN É APENAS UM EXEMPLO DISSO**

FOTO ANDRÉ VIEIRA

Adélia Borges na exposição
"Lã em Casa", com trabalhos
de revitalização do artesanato
gaúcho, coordenados pelas
designers Tina e Lui Lo Pumo.
A mostra foi em A Casa –
Museu do Objeto Brasileiro.

"ADÉLIA TEM UM PENSAMENTO DIRETO E EXTREMAMENTE LÓGICO SOBRE O DESIGN DO BRASIL. ALÉM DE TER REVOLUCIONADO O MUSEU DA CASA BRASILEIRA, É UMA PESSOA EXTREMAMENTE SÉRIA, ATUANTE E QUE, QUANDO CONHECI, FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA."

MARCELO ROSENBAUM

Museu da Casa Brasileira, 2003. Até esse ano, a instituição localizada no Jardim Paulistano, em São Paulo, não era exatamente um lugar convidativo. Alguns achavam que se tratava de uma igreja. Outros, um buffet de festas. E os mais inventivos juravam que aquele local pomposo era, na verdade, uma casa de repouso para senhoras endinheiradas. Como o próprio nome sugere, aquilo era (e ainda é) um museu. Mas, literalmente, de portas fechadas.

Quando convidada para dirigir o local, de 2003 a 2007, Adélia Borges não teve dúvida sobre qual seria sua primeira ação. Escancarou o portão. E, por isso, não seria nenhuma figura de linguagem afirmar que Adélia abriu as portas do Museu.

"Fiz reuniões com os funcionários e avisei que todas as pessoas que entravam ali eram importantes. Independente da classe social. Não era para reparar na roupa, perguntar o que queria. E disse mais: quanto menor a classe social, melhor a pessoa deveria ser tratada."

Adélia conta isso com naturalidade, pois "museu é um lugar de todos." A resposta não poderia ter sido ser melhor. Durante o seu período de diretora do MCB, a visitação aumentou 400%. E o local passou a ser um espaço não só para exibir o design internacional.

Muitas das mostras seguiam a ideia de um design acessível. Uma das primeiras foi a exibição de fotografias de casas de brasileiros. Eram moradias de quase todos os tipos e regiões. Nenhuma mansão.

"Tudo que faço na minha vida segue um norte: ampliar a audiência. O design (bom ou ruim) está na vida do pobre e do rico. Por isso, não me venha com essa história de que design é algo necessariamente caro."

Mas o que ganhamos ao valorizar o design?

"Passamos a reparar que ele está presente em toda a nossa vida. Dormimos numa casa projetada por alguém. Tomamos café da manhã numa mesa. Reparar no design é adquirir discernimento de como as coisas ao nosso redor são feitas. É deixar de ser um simples consumidor. Virar cidadão diante das coisas."

Talvez seja por isso que Adélia gosta tanto de escrever, dar palestras e realizar exposições sobre design. Livros sobre o assunto, ela já escreveu mais de dez. O último foi *Design + Artesanato – o caminho brasileiro*, uma radiografia do objeto artesanal no Brasil. A obra revela transformações de um artesanato nacional que tenta se aperfeiçoar para ser cada vez mais tratado como design de fato.

Os barcos de Miriti, de Abaetetuba, Pará, é um ótimo exemplo disso. Até pouco tempo atrás, os turistas compravam a lembrança, colocavam em suas malas e, quando chegavam a suas casas, lamentavam o fato da chaminé do barquinho ter quebrado na truculência da viagem. O livro apresenta a solução: os mastros agora são retirá-

veis, uma mudança simples, mas fundamental, pois previne danos durante o transporte.

O pensamento de Adélia trata o artesão não como um ingênuo, mas como alguém que quer e pode se atualizar.

"De que adianta fazer só toalhas de mesa enormes, se as famílias diminuíram de tamanho? Insistir em toalhas quando muita gente está optando pela informalidade dos jogos americanos? Ou fazer toalhinhas de bandeja minúsculas, se hoje elas não são mais usadas? Várias práticas artesanais surgiram para o consumo próprio do artesão, de sua família e de sua comunidade. Em sua casa, um pano bordado pode ser usado para cobrir um pote de água ou 'vestir' um liquidificador. Esse mesmo pano, numa casa urbana, terá outros usos, e o artesão precisa estar atento a eles para poder atender à demanda." (Página 74 do mesmo livro)

Na década de 1970, Adélia começou no jornalismo escrevendo sobre soluções para cidades no *O Estado de S. Paulo*. De 1987 a 1994, virou editora da primeira revista de design de produtos e interiores do Brasil, a *Design & Interiores*.

"No início, as pessoas não entendiam o que fazia. Contava que era editora de uma revista brasileira de design e elas me perguntavam: mas existe design no Brasil? Nos anos de 1980, quando falava que era brasileira em uma feira internacional de design, o segurança aparecia e proibia as fotos. Éramos visto como meros copiadores. Isso mudou completamente. Falo agora que sou do Brasil e vejo que há uma ideia de que somos um país com frescor e tentando sugerir coisas novas para o design internacional."

Mas verdade seja dita: não vamos conseguir competir com um Philippe Starck. Resta saber o que podemos propor. Adélia concorda com uma das teses defendidas pelos principais nomes brasileiros que aparecem nessa revista. O Brasil precisa usar sua cultura popular para se destacar no design. Mas, para ela, isso é apenas um dos nortes.

"Na verdade, acho que tudo que é isso ou aquilo é bobo. Não precisamos ser apenas artesanais. Tampouco termos uma crença de que a indústria irá nos salvar. Durante muito tempo, as faculdades de Design do Brasil ficaram presas no ideário do modernismo brasileiro. E tudo que era artesanal foi banido. Não acho que o artesanal seja excludente do industrial."

Em outras palavras, Adélia parece almejar que nosso artesanal não seja apenas ingênuo e que nosso industrial não seja soberano. É uma defesa ao pensamento multifacetado brasileiro. A solução está na nossa própria história.

Por Bruno Moreschi